



Juventude, vídeo e internet

Experiências com alunos do ensino fundamental e do ensino médio

Nome: Colégio Estadual Fernando Magalhães

Localização: Bairro de Jurujuba, Niterói, RJ

Ano de fundação: 1945

Número de alunos: 1.080

Séries: 1º ao 9º ano (ensino regular e EJA) e ensino médio

Laboratório de informática com 16 computadores conectados à internet; câmera de vídeo; máquina fotográfica digital; projetor; aparelhos de TV, vídeo e DVD.

- A nossa escola está muito bem equipada - elogia a professora Maria Aparecida de Carvalho, responsável pelo laboratório de informática do Colégio Estadual Fernando Magalhães. Ao lado de outras quatro profissionais, ela participou da oficina de mídia do projeto Educomunicar. - Aprendemos a tirar mais proveito de todos esses equipamentos - diz Aparecida, ressaltando que nem todos os recursos materiais da escola foram comprados pelo estado. -Aqui, quando precisamos de alguma coisa fazemos festas, bingos, pedimos doações... A gente dá um jeito e os alunos não deixam de ter acesso a nada.

No Fernando Magalhães, a principal ação de desdobramento da oficina do Educomunicar aconteceu no período de reciclagem, em fevereiro de 2007. Foram realizados dois encontros, cada um com cinco horas de duração. Em um deles, 13 professores aprenderam a realizar vídeos com os alunos. As professoras do Fernando Magalhães mais uma vez contaram com a ajuda da Bem TV para uma exposição inicial.

- Depois, desenvolvemos com os professores um exercício de produção de vídeo que eles poderiam repetir com os alunos em sala de aula - explica a professora Marineuza Espírito Santo, outra profissional da escola que participou da capacitação inicial do Educomunicar.

Segundo ela, a idéia inicial era falar sobre técnicas de debate a partir da exibição de vídeos, já que a produção com alunos ainda não é usual na escola, mas decidiram investir na produção justamente para mudar esse cenário.

- Ainda tem resistência na escola em colocar os equipamentos na mão dos alunos. Dá pra entender. Se quebrar vai ser difícil consertar. Mas, se o equipamento está na escola, tem que ter uma função pedagógica. Então a gente fez a oficina de produção para estimular os professores a demandar esse tipo de uso da câmera à direção - diz Marineuza, ressaltando que na capacitação dos professores foi utilizado o equipamento da escola.

Num segundo encontro, 15 docentes foram orientados sobre a produção de jornais escolares.

- Pedimos à Bem TV para fazer uma palestra inicial, explicando todo o processo, da reunião de pauta à distribuição do jornal. Depois ensinamos os professores a diagramar textos usando os softwares disponíveis na escola - conta Marineuza.

Para Olívia Bandeira de Melo, coordenadora de projetos da Bem TV, responsável pela fala de abertura da capacitação, a experiência foi positiva.

Rua General Osório/49-São Domingos- Niterói - 3604-1500 - www.bemtv.org.br



- No final os professores estavam superempolgados. Sempre falam do desânimo desses profissionais, mas é só oferecer estímulo, basta eles sentirem que têm apoio para que eles se animem. Nesse dia, o encontro era para acabar às 17 horas, e eu só consegui sair de lá uma hora e meia depois - conta Olívia.

Fazendo um balanço dos dois momentos de capacitação, Marineuza e Aparecida avaliam que o principal resultado foi a mobilização dos professores.

- Novas idéias sempre ajudam. O pessoal saiu animado para desenvolver projetos de comunicação - conta Marineuza.

Entre os “animados” está a professora de língua portuguesa Erli Sá dos Santos, que entrou no Colégio Fernando Magalhães em 2007. Ela participou da oficina de produção de vídeo e decidiu levar o que aprendeu para a sala de aula.

Diversidade e linguagem audiovisual

Todo ano acontece no C. E. Fernando Magalhães a Feira Multidisciplinar, ou FEMULTI, como é conhecida. O evento já faz parte do calendário de atividades da comunidade. Alunos e familiares não faltam, e mesmo quem não tem filhos matriculados no colégio costuma prestigiar a feira, que reúne exposição, apresentações de teatro, dança e música. Cada turma da escola, com ajuda de um ou mais professores, fica responsável por idealizar e produzir o que vai apresentar na FEMULTI, tendo como ponto de partida um tema gerador. Em 2007 o tema foi “Unidade na Diversidade” e a professora Erli Sá sugeriu a seus alunos o uso da linguagem audiovisual.

- Os alunos da sexta série [atual sétimo ano] produziram vários textos sobre o tema da feira em formato de cordel. Discutimos a exclusão, o preconceito contra negros, homossexuais, prostitutas, pobres... A partir dos textos, selecionamos em revistas e jornais imagens e manchetes que tinham relação com os textos. Depois disso, unimos imagem e texto para a construção de um vídeo bem simples - conta a professora.

A câmera foi posta num tripé e apontada para uma mesa. Enquanto um aluno lia o cordel, outro ia colocando as imagens na frente câmera. Colocaram também uma música tocando no fundo.

- Quem operou a câmera foi a Aparecida [professora responsável pelo laboratório de informática]. Não precisou de edição. Montamos uma seqüência narrativa clara o suficiente para que as pessoas entendessem - explica a professora, e acrescenta a reação dos alunos: - Eles gostaram dessa primeira experiência e se engajaram bastante. Tivemos problemas com o áudio e algumas falhas técnicas, mas é assim mesmo, não é? - indaga Erli, completando que os erros vão ajudá-la a planejar novos projetos no futuro.

Juventudes, culturas e blog

Mesmo sem ter participado da oficina de multiplicação ocorrida no início do ano, a professora de sociologia e história Lyse Kitzinger manifestou interesse em trabalhar comunicação com seus alunos.



- Eu não sei nada de internet, de vídeo, de computadores, mas acho importante o uso desses meios para registrar o trabalho e as discussões que acontecem em sala de aula - diz ela.

Em 2007, ela realizou com os estudantes uma pesquisa sobre a juventude no bairro de Jurujuba. Fizeram entrevistas, fotografaram e identificaram as diferentes “tribos” presentes no bairro.

A aluna Camila Martins Nunes, do 3º ano do ensino médio, exemplifica:

- Meu grupo analisou as diferentes religiões que existem na comunidade. Eu fiz uma pesquisa sobre a Igreja Universal, que tem muitos freqüentadores em Jurujuba - diz ela.

Também foram coletados dados sobre os surfistas, skatistas, adeptos do hip hop e outras tribos. Surgiu então a necessidade de sistematizar e dar visibilidade a todas as informações que os alunos reuniram. Alunos e professora decidiram produzir um blog na internet (www.galeradejurujuba.blogspot.com).

Os equipamentos não seriam problema, afinal, o laboratório de informática estava ali para isso mesmo. A dificuldade era viabilizar a construção do blog pelos próprios alunos.

- Só assim faria sentido - afirma a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini, e complementa: - No caso do Fernando Magalhães, as professoras que fizeram a oficina do projeto poderiam fazer o blog, mas aí os alunos não teriam a oportunidade de rever e sistematizar tudo o que haviam pesquisado.

Para concretizar a idéia, uma das aulas de Lyse foi transformada em coordenadora do blog. A coordenadora de projetos da Bem TV, Olívia Bandeira de Melo, foi encarregada de capacitar os jovens. Ela acredita, no entanto, que isso poderia ter sido feito pela própria professora.

- Nesse caso, como a Bem TV estava muito envolvida, acabou sendo mais cômodo contar com o nosso apoio. Mas ninguém precisa de uma “ONG parceira” para viabilizar uma oficina de blog. Existem muitos sites na internet que nos orientam passo a passo. É só o professor se preparar antes - garante Olívia.

Também aluno do 3º ano do ensino médio, Igor Ximenes gostou da experiência.

- Achei bem legal. O blog é uma saída estratégica e barata para a gente dar visibilidade aos nossos trabalhos da escola. Também foi legal porque aprendemos a localizar outros blogs na internet que abordavam temas semelhantes àqueles que nós pesquisamos. Visitamos, comentamos, eles ficaram sabendo da gente também. Assim os jovens vão formando uma rede - comenta ele.

Sem perceber, Igor identifica uma das principais vantagens dos projetos de comunicação na escola: o surgimento de novas redes. Os produtos de comunicação dão visibilidade interna e externamente ao conhecimento construído na escola. O previsível é que haja resposta, por parte da comunidade, por parte das famílias... No caso do Fernando Magalhães, a previsão foi superada. Os blogs conectaram jovens de diferentes partes do país, que puderam trocar informações pertinentes a seus processos de ensino aprendizagem.

- Obviamente, o conflito também está previsto nesse processo - alerta a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro. - A disseminação da produção dos alunos pode implicar na visibilidade das queixas ou reivindicações dos estudantes. Alguns conteúdos podem desagradar a Associação de Moradores ou alguns pais, por exemplo - exemplifica ela,



lembrando que tais situações são ótimas oportunidades para trabalhar a ética. - Uma boa idéia é tirar proveito do “direito de resposta” comum nos veículos de comunicação. A parte incomodada pode ganhar espaço para responder as críticas no mesmo veículo - sugere.